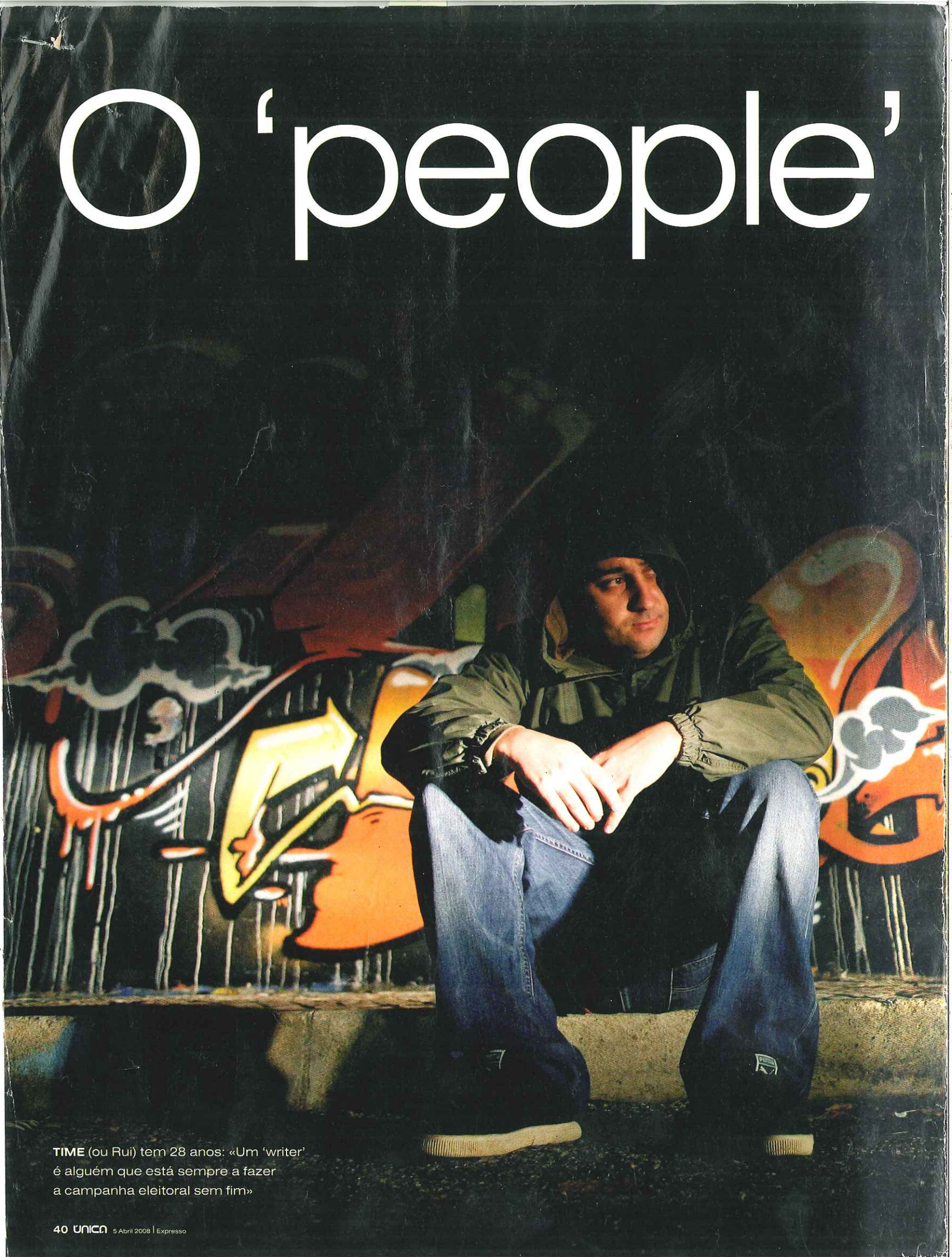


O 'people'




TIME (ou Rui) tem 28 anos: «Um 'writer' é alguém que está sempre a fazer a campanha eleitoral sem fim»

dos graffiti



Braço gráfico da cultura hip-hop, a história do graffiti cruza-se com a da moda, com as tendências do momento, com o consumo de estilos de vida urbanos. Breve viagem pelo mundo do graffiti português — com passagem pela linha de caminho-de-ferro do Pragal para acção de «bombing»

REPORTAGEM DE *Sarah Adamopoulos* (TEXTOS) E *Pedro Azevedo* (FOTOGRAFIAS)



Na altura do Indiana Jones eu queria ser arqueólogo, e sugeriram que eu me chamasse Ramsés — mas como era muito grande para pintar, ficou Ram.» *Alter ego* de Miguel, 31 anos, exclusivamente dedicado ao graffiti, que pensa que as relações entre o graff (assim lhe chamam em versão diminutiva) e as marcas têm de ser «de uma clareza a toda a prova» — sendo também certo que um verdadeiro artista não faz concessões. Diz que não pinta por encomenda, «nem golfinhos, nem Noddies (risos)» e que tem por objectivo «elevar isto ao patamar de arte. E por isso temos de nos saber vender, mas também de nos saber proteger. Tenho uma grande guerra com as marcas. Apesar de ser patrocinado por uma delas» — uma bolsa de viagens, cuja contrapartida (vestir as roupas da marca) levanta evidente-


mente questões que muitos entendem merecer reflexão.

Miguel está desde sempre ligado à criação gráfica e à rua. «Sempre vivi muito na rua, através do 'skate' e também do 'surf'. Cresci na Serra de Sintra, entre os Capuchos e Monserrate. O graffiti aparece na minha vida numa altura em que eu estava farto de estar enfiado em casa a pintar mundos fantásticos. Um dia, vi um papel a anunciar um 'workshop' do Wize (que é um dos nossos 'kings', um dos primeiros que começou a pintar em Portugal) e fui a correr ao Continente comprar latas. Depois percebi que havia latas só mesmo para graffiti, e que havia lojas que só vendiam isso.» Ram dedica-se sobretudo ao trabalho de «Wall of Fame», «que são paredes bem compostas, onde se pinta com autorização», porque, explica, «gosto de perder tempo numa parede, entendendo-a como uma tela, quero passar emoções». «Sempre

tive uma política de legalizar as minhas paredes. Uma vez estava a pintar em Sintra, e passou o presidente do Sintrense, e eu pedi-lhe autorização para pintar no estacionamento do clube, e ele deixou-me.»

«**Não consigo sair à noite** sem fazer qualquer coisa num sítio qualquer. Um 'writer' é assim: alguém que está sempre a fazer uma campanha eleitoral sem fim (risos)», explica Time, ou Rui, 28 anos. A campanha dirige-se aos outros «writers»: «Estamos permanentemente em competição. Eu quero pintar melhor do que os outros, estar em mais sítios, fazer graffs maiores e mais bem feitos. A minha campanha é para ter o meu nome nas paredes e de ser reconhecido por quem faz graffiti.»

Quando acabam de pintar, os «writers» fotografam. «Porque é a única coisa que vai ficar. Já fui levado para a es-



REMOÇÃO de graffiti por uma empresa especializada. Mal acabam de pintar, os «writers» vêem-se obrigados a fotografar a «arte». Sabem que essa poderá ser a única prova da assinatura que deixaram pelas ruas

quadra, perseguido por cães, por seguranças, e pela própria polícia. Há essa ideia de que somos vândalos, que assaltamos e partimos carros, que andamos com facas e com pistolas, mas é falso. Também nos associam às claques de futebol, mas isso é uma ligação que não existe. O que nos interessa é fazer uma caligrafia bem feita, um desenho bem feito — e o que as claques fazem são pichagens sem qualquer valor artístico.»

Rui esforça-se por pintar em paredes abandonadas, mas mesmo essas costumam pertencer a alguém. «Normalmente vamos para sítios onde o graff não prejudica ninguém. Os portugueses não são mais conservadores do que os outros povos, é muito mais difícil pintar em França ou em Inglaterra, onde há mais lei anti-graffiti, e mais segurança. Claro que nunca me ocorreu ir pintar monumentos.» Diz que muitos «writers» são rapazes da classe média e média alta, como ele



«BOMBING» ou graffiti ilegal lançado na noite como se fosse uma bomba. Em baixo, Wize, um dos «kings» do graffiti nacional



próprio, e que conhece «miúdos ricos que fazem graffiti, que não é só uma coisa de suburbanos carenciados». Uma fantasia ainda por concretizar? «Gostaria de pintar fachadas de cima a baixo, com autorização. Seria interessante, esse colorido nas cidades.»

Para a efemeridade do graffiti contribuem também as empresas especializadas na sua remoção. Cruzámo-nos com uma delas na noite em que se cumpria a limpeza daquele que era já considerado um graffiti histórico de Lisboa: o famoso «Ice Tea», que desafiava o olhar dos condutores seguindo pela avenida marginal entre a Estação de Santa Apolónia e a rotunda do Poço do Bispo.

Um dia, no final dos anos 90, Wize, pioneiro nos graffiti em Portugal, foi consultado por uma agência de publicidade que pretendia levar a cabo uma intervenção de rua para um cliente. A ideia era contratar uma equipa para grafitar num muro de Lisboa a imagem de um produto. E esse muro, conta Wize, «foi o começo do fim dos PRM — os Paint Raking Mafia, o grupo que iniciou o caminho do graffiti português —, porque eles pediram vários orçamentos, e meteram-nos em despique uns contra os outros». Para Wize, «os patrocínios, as campanhas publicitárias, as encomendas de decorações, todas essas coisas à volta do que fazemos, não trazem nada ao graffiti, só levam».

Nuno já não escreve Wize, escreve Nomen. Mas por mais *alter ego* que crie, Wize será sempre Wize, um «king», consensualmente respeitado pela comunidade nacional de «writers». «Mudei de nome porque fui apanhado em 1996 a pintar comboios. Fui julgado em 98 e tive de pagar uma multa de 1024 contos — aproximadamente 5 mil euros —, a meias com o Youth, outro 'writer'. Andávamos a pintar comboios na linha de Cascais. Foi no início dos telemóveis, já dava para controlar os carros da polícia. Vestíamos de

A ciência contra a caspa

Nizoral® o champô anticaspa à base de **Cetoconazol** (antifúngico patenteado), **elimina o agente causador da caspa no final do tratamento.***

Previne o reaparecimento de caspa durante vários meses sem necessidade de uso regular.*



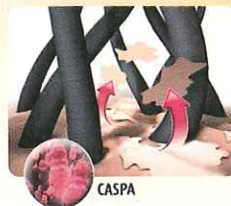
À venda em farmácias

Nizoral® champô

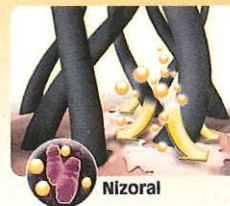
Recomendado por dermatologistas**

Mais de 146 milhões de recomendações a nível mundial*

CETOCONAZOL ANTIFÚNGICO PATENTEADO DEMONSTRADO MEDICAMENTE



A caspa é causada por um fungo - *P. ovale* - presente habitualmente no couro cabeludo que, conjugado com factores como Stress, se multiplica de forma excessiva e provoca o aparecimento desagradável de prurido e caspa.



Com apenas 2 aplicações semanais, **Nizoral®** suprime o fungo - *P. ovale* - devido ao seu princípio activo **Cetoconazol**, um antifúngico reconhecido por dermatologistas.**



Nizoral®, elimina o agente causador no final do tratamento e previne o reaparecimento de caspa durante vários meses, sem necessidade de uso regular.*

* De Doncker P. et al. A decade of clinical experience with Ketoconazole shampoo. Poster presented at the 59th annual meeting of the American Academy of dermatology (AAD), Washington, USA, March 2-7, 2001. US 95-510-56107

Nizoral® champô é um medicamento não sujeito a receita médica. Este medicamento está indicado no tratamento e profilaxia de infecções em que esteja envolvida a levedura *Pityrosporum*. Evite o contacto com os olhos. Se tal acontecer, lave os olhos com água abundante. A fim de evitar um efeito "rebound" após um tratamento prolongado com corticosteróides tópicos, recomenda-se continuar a aplicar o corticosteroide tópico com o Nizoral® champô e posteriormente retirar gradualmente o tratamento esteroide durante um período de 2-3 semanas. Contra-indicado em doentes com hipersensibilidade ao cetoconazol ou a qualquer um dos excipientes. Leia atentamente o folheto informativo. Em caso de dúvida ou persistência dos sintomas, consulte o seu médico ou farmacêutico.

FEV 2008 • NIZ-0308-007-0

RAM é o 'alter ego' de Miguel, 31 anos.
Nunca pinta por encomenda, «nem
golfinhos nem Noddies»



preto, tínhamos horários sempre diferentes, nunca havia rotinas. Eram despedidos seguranças, eram transferidos polícias de áreas, porque não nos conseguíamos apanhar em flagrante delito, e o meu telefone estava sob escuta. Éramos espertos, mas um dia a esperteza acabou-se, porque eu já estava marcado.»

Para Nuno, «o graffiti puro são letras, não são figuras, nem paisagens. É espalhares o teu nome pela sociedade, sim, tal como um cão marca o território. O teu nome em 'bubble style' [letras redondas e delineadas] e com um fundo. E se for maior chamas-lhe 'master piece' [obra-prima], ou 'burner', que é o graff feito por várias pessoas, por uma 'crew' [literalmente, tripulação]. Uma pa-

lavra portuguesa para 'crew'? Amizade. Porque trabalhamos para a mesma coisa, movidos por uma mesma ideia». Aos 34 anos, Nuno já não anda a fugir à polícia. «Quando és novo, e o papá e mamã dão casa, comida e roupa lavada, podes viver uma ideologia, e dedicar-te a ela através do graff, sem ganhar dinheiro. Mas quando tens mulher e filho, contas para pagar, muda tudo. Eu agora tenho um emprego normal» — Nuno é funcionário numa loja de electrodomésticos.

«Para pintar um comboio preparamos a cena muito bem, a identificação do 'spot' [sítio] é feita com base nas mudanças de turnos dos seguranças... Uma pessoa que nunca pintou um comboio não é um 'writer'. Nasci e vivo perto do gueto, é claro que para mim o graff não é a mesma coisa

que para os mais miúdos, para quem não passa de uma moda: andas de 'skate' e fazes graffiti durante uns tempos.» E se não houvesse legislação repressora? «Deixava de ter o impacto que tem, e perdia-se a liberdade, porque iriam concentrar a coisa, dizer-nos o quê e onde podíamos pintar.»

Uma outra vertente do negócio global em torno do graffiti é a comercialização de latas de spray, produzidas em Espanha, Itália ou Alemanha. O iraniano Babak Soutani, 31 anos, veio pela primeira vez a Portugal há 10 anos, altura em que conheceu os famosos PRM, a equipa pioneira de «writers» portugueses — onde pontuaram nomes como Wize, Mosaik, Exas, Youth. Sócio-gerente de uma loja de tintas para graffiti no Bairro Alto,

O espírito do tempo

A história recente do graffiti cruza-se com a da moda e com as tendências do momento. E hoje está presente em todo o tipo de imagens publicitárias, dos carros aos electrodomésticos, passando pelas roupas, calçado e acessórios para jovens. As marcas querem o «target» dos consumidores mais jovens e fazem acções de rejuvenescimento que as mantêm a par com o espírito do tempo. O graffiti dá-lhes tudo isso: os tais consumidores jovens e o espaço urbano.

A história e o ideário do graffiti caminham com as dos movimentos juvenis anti-sistema, caso do punk. Nos Estados Unidos, no final dos anos 60, o graffiti era usado como forma de expressão política, sendo considerado um meio ideal de propaganda, por ser pouco dispendioso e fácil de concretizar. Nos anos 70, as massivas acções de «bombing» (acções de rua, ilegais, muito rápidas, lançadas na escuridão como bombas) levadas a cabo por «writers» oriundos do Bronx, invadiram as carruagens do metro nova-iorquino, numa luta de guerrilha contra uma política opressora, que tratava de mandar limpar os graffiti num ápice cheio de eficácia supressora — bem como de enviar para a prisão os seus autores. Mas, na Nova Iorque dos anos 80, Jean-Michel Basquiat, o pintor de rua de Manhattan, e Keith Haring, um rapaz que desenhava a giz nas estações do metro, elevavam o graffiti à categoria de arte, levando-o para as galerias e museus.

BABAK Soultani veio do Irão há dez anos e conheceu os grandes nomes do graffiti português. Agora é sócio-gerente de uma loja de tintas no Bairro Alto



Babak lembra-se de si sempre ligado ao «hip-hop», inclusive ainda no Irão, onde fazia «breakdance» (o braço dançado do «hip-hop»). «É a última cultura de juventude que existe, e é completíssima, porque contém a música (o 'rap'), a parte gráfica (o graffiti), a dança (o 'breakdance') e uma linguagem própria. O 'hip-hop' é perfeito para combater o nosso *ego* sem prejudicar ninguém. Quando criamos um *alter ego*, ele existe mesmo, e toda a necessidade de alimentação do *ego* pode ser suprida abraçando o 'hip-hop'. É um processo curativo.»

Babak considera que a sua geração «teve a sorte de escapar aos fundamentos do 'hip-hop' dos anos 70, que tinha uma carga política grande, e uma vocação contrapoder, com aquele ideário de certa forma irracional, que defendia tudo o que se opusesse ao sistema, que era contra o 'mainstream', e contra o capitalismo, a que também eles não escaparam, claro. O meu 'hip-hop' nunca foi contra ser-se rico e famoso — basta olhar para as capas dos primeiros discos de 'hip-hop' e eles já tinham Guccis, falsos, mas tinham-nos». Babak conta que a dado momento exibia Nike dos pés à cabeça, «até as cuecas, que era eu

que fazia. Era o 'do it yourself' [faça você mesmo], herdámos isso dos 'punks'. Se eu não podia ter uns sapatos Nike, uns verdadeiros, então eu fazia uns falsos Nike, para exibir. Ou então roubava-os. Quando há pouco dinheiro é preciso dar a volta. O 'hip-hop' faz isso constantemente, também com a linguagem. Quando dizemos que uma miúda é gorda ('fat'), isso significa que ela é bonita. Quando dizemos que uma coisa é muito má ('bad'), isso significa que a coisa é muito boa, toda a linguagem é virada ao contrário. Penso que a única atitude política no 'hip-hop' é afinal isso: dar a volta.»

«Todos gostávamos de ter uma bruta casa, com piscina, segurança, uma mulher bonita e 10 filhos, um carrão... o 'hip-hop' é um espelho da sociedade. E o que ele nos mostra é sempre a mesma coisa: sobrevivência dos mais bem preparados, e convívio permanente com o nosso *ego*. O 'hip-hop' é uma maneira de viver, não há um interruptor, quando se está nele, está-se sempre, 24 sobre 24. O nome da minha 'crew' está tatuado no meu corpo, isto é o que sou, quem sou.»

unica@expresso.pt